

Índios Caingangues

Na Guarita, tentativa de golpe e ameaças de mortes

Um povo à beira da guerra, os índios caingangues das reservas divididas de Guarita e Irapuá conviveram com um golpe de estado fracassado, na semana passada. Planejava-se assassinar o cacique Ivo Alves e o agente da Polícia Federal, Telmo de Lima Freitas. As causas principais dos conflitos, que repetem cenas belicosas protagonizadas em janeiro, quando a reserva foi rachada ao meio com a convivência da Funai, são o arrendamento das terras e o roubo de madeira indígenas.

De Carlos Wagner (textos) e Tude Munhoz (fotos), enviados especiais

Se a direção da Fundação Nacional do Índio (Funai) pensou que tinha resolvido o problema dos 3.500 índios caingangues das reservas indígenas da Guarita e Irapuá — que ocupam uma área de 25 mil hectares entre os municípios de Miraguai e Tenente Portela, no norte do Estado — com a divisão da tribo em duas, estava muito enganada. Pois os fatores que determinaram a explosiva briga ocorrida em janeiro último, entre o cacique Ivo Ribeiro Alves e o seu ex-brasão direito Domingos Ribeiro — que foi promovido a cacique — ainda estão bem vivos no meio dos índios.

Na semana passada mesmo um dos grandes problemas de tensão social da área, que é o arrendamento das terras dos índios para os brancos plantarem, foi o motivo que levou o atual braço direito de Ivo Ribeiro, o índio Eloir Jacinto, seu pai Fausto e o irmão Altino a tramarem os assassinatos do cacique e do tradicionalista e agente da polícia federal Telmo de Lima Freitas — que foi requisitado pela Funai, há quatro meses, para acalmar os ânimos nas duas reservas. O plano do "major" Jacinto começou a ser colocado em prática quando o cacique o proibiu de manter arrendados para os agricultores 18 lotes de terra. Ele percorreu a reserva do Irapuá de ponto a ponto e armou um grupo de 20 índios.

A situação chegou à tensão máxima no meio da semana quando Telmo Freitas, que é conhecido como fóg-cóta — homem velho, na língua caingangue — foi avisado de que seria "pulado" — emboscado, juntamente com o cacique. A saída foi mandar buscar praças da Brigada Militar em Miraguai, para acalmar os ânimos dentro da reserva.

Com isto Ivo Ribeiro foi fortalecido e partiu para o desarme dos revoltosos que àquela altura já somavam mais de 20. No final do terceiro dia o índio Eloir Jacinto, seu pai e irmão fugiram para a reserva indígena de Ligeiro, no município de Tapejara, que fica a mais de 200 quilômetros da Irapuá.

Revolta e Arrendamentos

A revolta de três dias, como ficou conhecida entre os caingangues e a tentativa de tomada do poder pelo índio Eloir Jacinto têm a sua origem num dos problemas mais sérios da reserva do Irapuá que é o arrendamento de terras para os brancos. A área fértil de pequenos agricultores que fazem acordos diretamente com os índios para arrendarem as terras. Acredita o chefe do Posto da reserva que cheguem a mais de 230 brancos que plantam nas terras da reserva. Porém admite que devem existir mais uns 100 outros que ainda não foram cadastrados.

Os acordos comerciais feitos entre os arrendatários e os índios são no mínimo originais. Por exemplo: com base no preço da soja do ano passado, que foi um dos mais baixos dos últimos dez anos, centenas de colonos arrendaram terras dos caingangues por um prazo que vai até a virada do século. Tem mais; nas plantações em parcerias onde o arrendatário paga com uma porcentagem em sacas de soja do total que produz, a maioria dos índios não acompanha a contagem das sacas colhidas durante a safra. Portanto recebe o seu pagamento pelas contas feitas pelos arrendatários.

Atualmente mais de 80% do total das aproximadamente 300 famílias indígenas que estão envolvidas com o plantio da soja, diretamente ou através de parcerias, não têm mais nem um centavo para receber. Os poucos que ainda têm alguns sacos de soja para vender, como o índio José Sales, negociam com intermediários. Ele vendeu 15 sacas de soja por Cr\$ 800,00 cada uma e o preço de mercado anda, atualmente, ao redor dos Cr\$ 5 mil. E os poucos caingangues que conseguem vender os seus produtos aos preços certos do mercado são depois literalmente assaltados pelos vendedores de bugigangas da região, que enfiam garganta abaixo dos indígenas produtos que são vendidos nas lojas a preços no mínimo dez vezes menor.

Os problemas menores do cacique Ivo Ribeiro na sua reserva de Irapuá são referentes às tentativas dos brancos em vender ou montar destilarias de gofya (cachaça, no idioma caingangue) que tem a sua venda, bem como de qualquer bebida alcoólica, proibida para índios segundo o artigo 58 da Lei de número 6.001 de 19 de dezembro de 1973. A pena para os infratores é de dois anos de prisão. Também houve, no início do ano, uma tentativa frustrada de instalar o conhecido jogo do bicho na reserva indígena.



O índio Eloir Jacinto quis tomar o poder



Cacique Ivo Ribeiro, ameaçado de morte



Telmo de Lima Freitas da Polícia Federal está há quatro meses na reserva

Roubo de madeira

Também nada tranqüila é a situação do cacique Domingos Ribeiro da reserva da Guarita, que tem as suas terras visadas pelos ladrões de madeiras. Inclusive na última semana foram apreendidos na área dois caminhões cheios de toras e o seu proprietário, Amândio Rodrigues de Almeida foi pego em flagrante. O promotor de Tenente Portela tentou relaxar o flagrante pois é amigo de Rodrigues.

Porém, a prisão de um dos ladrões de madeira nem de longe serve como intimidação, para pelos menos diminuir o ritmo do trabalho de verdadeiras quadrilhas organizadas que agem dentro da reserva da Guarita. Elas cortam ilegalmente as árvores e vendem às serrarias da região a até mesmo para Santa Catarina, que depois industrializa estas madeiras e revende para as construtoras gaúchas. Segundo o cacique da Guarita, Domingos Ribeiro, não existe um meio eficiente para cobrir o furto de madeiras na região. Diz que uma medida paliativa para o problema seria colocar os índios morando perto das matas.

Mas o roubo de madeira não é coisa nova na região. Por isso este problema não toma todo o tempo do cacique Domingos Ribeiro que, a exemplo do seu colega Ivo Ribeiro, também precisa se preocupar em manter o seu posto. E não falta mesmo entre seus simpatizantes quem não esteja pensando em conseguir o título de cacique da Guarita. E neste particular a volta do índio Chicão — que sentou praça na Brigada Militar por mais de dois anos e que agora está aglomerando admiradores ao seu redor — está merecendo a atenção discreta do Cacique.

Problemas comuns

Um dos grandes problemas que os dois caciques estão empenhados em resolver se refere ao pagamento de uma dívida feita junto aos bancos, casas comerciais, cooperativas e indústria de Cr\$ 30 milhões pela Associação dos Produtores da Guarita, entidade que era encarregada de executar os projetos agrícolas da tribo. Acontece que o último chefe da Associação, Albertino Pereira Soares Filho, funcionário da Funai, além de ter cometido uma série de irregularidades administrativas ainda desapareceu carregando o saldo da conta bancária.

A solução para este problema foi apontada pelo cacique Ivo Ribeiro que, juntamente com o seu colega, solicitou ao Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) uma licença para abater cerca de 2 mil metros cúbicos de madeira. "Com a venda dessa madeira nós poderemos abrir o nosso crédito no comércio, que está fechado devido a esta dívida de Cr\$ 30 milhões. E então partirmos para grandes projetos que tenham como objetivo dar a independência econômica para o índio", explica Ivo.

O primeiro desses projetos que serão feitos em conjunto pelos dois caciques será o reflorestamento de 20 hectares com 25 mil mudas de araucária.

"Nós já estamos há dois dias à espera dos técnicos do IBDF que deverão vir aqui na reserva olhar o projeto e encaminhar a sua aprovação. Pensamos que o próximo passo em reflorestamento seja a

criação de uma viçeira de mudas. E a aprovação dos projetos de reflorestamento abre a possibilidade de o índio vir a se beneficiar diretamente das suas madeiras", mostra Ivo Alves.

Lavoura coletiva

Outra questão que preocupa os índios é a do aproveitamento das suas terras, agriculturáveis que hoje estão nas mãos dos brancos. A meta do cacique Ivo Ribeiro é acabar nos próximos três anos com todo e qualquer tipo de arrendamento das terras da reserva para brancos. Ele aponta como solução para o aproveitamento das terras pelos próprios índios a formação de uma lavoura coletiva de 200 hectares que seria dividida com a reserva da Guarita.

Este projeto foi orçado em Cr\$ 65 milhões, que foram pedidos para a Funai, mas ainda não veio a resposta. Mas tanto Ivo Ribeiro como Domingos

Ribeiro colocam este projeto como meta principal dos índios caingangues. Dizem que será o início da libertação econômica do índio, porque ele terá numa lavoura de 200 hectares uma parte destinada à produção de sementes que deverão ser emprestadas aos membros da tribo, e não mais vendidas. "Na safra seguinte o índio que pegou sementes emprestadas paga a mesma quantidade para a lavoura coletiva em sementes", acrescenta Domingos Ribeiro.

O cacique Ivo Ribeiro ressalta que o equipamento também deverá trazer grandes benefícios para a comunidade porque será usado coletivamente. Pensam inclusive na compra de 20 juntas de bois para serem usados por aqueles índios que plantam em terras dobradas. Mas se por um lado os dois caciques estão acreditando que a lavoura coletiva será o início de uma nova era cheia de boas promessas para a tribo, por outro estão dizendo que as promessas feitas pelo ministro do Interior, Mário Andreazza, aos índios não foram cumpridas.

Eles tiveram uma reunião com o ministro em 10 de dezembro de 1982 quando lhes foram prometidos veículos que até hoje ainda não apareceram.

A questão da saúde

Nas duas reservas Guarita e Irapuá, as queixas dos índios contra exploração dos médicos da região, principalmente de Miraguai e Tenente Portela, daria para encher páginas e páginas de um livro. Acontece que a verba que a Funai destina ao atendimento médico é insuficiente para assistir aos 3.500 índios da área. E poucos são os medicamentos que o órgão do Governo Federal manda para as reservas. "Geralmente as verbas e os medicamentos mal dão para começar o mês", reclamou o cacique Domingos Ribeiro.

Findos os estoques de medicamentos e as verbas para atendimento médico, os índios iniciam um longo trajeto de humilhação pelos hospitais e consultórios médicos da região. Na semana passada uma das índias da reserva do Irapuá feriu-se com um espinho no pé. Levada ao consultório de um renomado médico de Tenente Portela, com o pé em adiantado estado de infecção, ela ouviu o profissional, antes mesmo de olhar o ferimento, indagar: — Custa Cr\$ 40 mil. Quem paga a conta?

Foi preciso a paciente voltar para casa e arrebatar entre os membros da tribo a quantia para ser medicada.

Já os médicos de Miraguai simplesmente se recusam a atender qualquer índio que lhes mostre a cartelinha do INPS. Só aceitam se for pago por fora, Cr\$ 7 mil. Para o cacique Ivo Ribeiro a única forma de solucionar a questão do atendimento médico ao índio será instalar dentro das reservas postos de atendimento médico. "Se dentro de dez anos não mudar a política com relação ao índio, meu povo desaparecerá", vaticina.

Na verdade, a aparente união dos dois caciques em torno dos sérios problemas comuns da comunidade caingangue, na certa não será eterna porque as pressões dos grupos econômicos, ligados principalmente à madeira, dentro das reservas são muito grandes. E na medida em que os projetos forem sendo engavetados pela Funai como é costume, o desacerto entre eles é uma grande possibilidade. E ninguém pode afirmar que da noite para o dia não surja na reserva indígena um novo grupo apolado por outros interesses econômicos e derrube os atuais dirigentes. Tudo é possível enquanto a política governamental em relação ao índio for omissa como é nas questões fundamentais para estas comunidades. A demarcação dos limites das reservas é uma delas.